



## MOVIMENTO MODERNO ENTRE A LÓGICA E O IMPENSÁVEL, (RE)SIGNIFICANDO AS ARQUITETURAS PÚBLICAS <sup>1</sup>

### *MODERN MOVEMENT: BETWEEN THE LOGIC AND THE UNTHINKABLE, (RE) SIGNIFYING PUBLIC ARCHITECTURE*

**Julian Grub**

**PROPAR / Faculdade de Arquitetura, UFRGS**

[julian.grub@gmail.com](mailto:julian.grub@gmail.com)

#### **Resumo**

Procurando aproximar arquitetura, movimento moderno e filosofia, a partir das ideias de desconstrução defendidas pelo filósofo Jacques Derrida, este ensaio propõe-se, mais que a respostas e conclusões, a uma reflexão sobre o fim ao qual se destinam as arquiteturas públicas construídas no movimento moderno como objeto significante na sociedade atual, deslocando a arquitetura em direção a um possível gesto de alteridade. Num processo de abertura de significados, o sentido funcional das arquiteturas públicas (como estações modais, torres de telecomunicações, pontes rodoviárias), construídas como ferramentas eficientes, eficazes, marcos de desenvolvimento e de ordenação do território, são desconstruídas em narrativas a partir das novas formas de ocupações pela sociedade, passando de objeto técnico-formal à objeto-devir. As arquiteturas públicas construídas no movimento moderno surgem, neste ensaio, como exemplos dessa possível abertura de significados e apropriações às novas necessidades da sociedade, transformando o objeto em outra 'coisa' além de sua definição e nomeação – a torre em 'lugar de agenciamentos'. Para Derrida as oposições onde tudo se organiza, hierarquiza e se conceitua devem ser desconstruídas, os polos opostos perdem seus contornos e forças, tirando as certezas dos extremos numa abertura à reinterpretarções, direcionando a arquitetura ao impensável, ao imaginário de quem a vivencia.

**Palavras-chave:** Arquiteturas públicas. Desconstrução. Alteridade.

#### **Abstract**

Using the concepts of philosophy, as deconstruction by Jacques Derrida, this essay aims to look closer to architecture, modern movement and philosophy. To think about the indented purpose of public architecture built in the modern movement as a significant object in today's society is more important than try to build answers or conclusions. Architecture can be understood as a possible gesture of otherness in a process of opening meanings. The functional sense of public architectures (such as telecommunications towers) built as some efficient and effective tools, is deconstructed using narratives that emphasize the new social forms of occupation of these objects; they become more than technical and formal objects, they are becoming-objects. In this essay, the public architectures of the modern movement are an example of the possibilities of opening meanings related to the new social appropriations that transform the object into another 'thing' in addition to its original definition – the tower as 'assemblage place'. Derrida defends that the oppositions where everything is organized and conceptualized must be deconstructed. The opposite poles lose their contours and forces, taking off the certainties of extremes and leading to new possible interpretations, directing the architecture towards the imagination of those who experience it.

**Keywords:** Public architectures. Deconstruction. otherness.

### **1 INTRODUÇÃO**

Numa abertura discursiva o ensaio desloca o sentido técnico com fim específico, para outros territórios, elemento onde a palavra desliza para novas situações - das afecções, do sensível, do impensável, das impossibilidades. Um deslocar do sentido da palavra e do próprio texto onde permitir, deixar passar, entrar, sair, descobrir, experimentar, tomam novos rumos (FUÃO, 2012a). O ensaio de forma imagética e discursiva procura explorar através das ocupações da Torre de TV de

---

<sup>1</sup> GRUB, Julian. Movimento Moderno entre a lógica e o impensável, (re)significando as arquiteturas públicas. In: 11° SEMINÁRIO NACIONAL DO DOCOMOMO BRASIL. Recife: DOCOMOMO\_BR, 2016.



Brasília, um pensar, ao expor por meio de metáforas um (des)fazer de polos entre a formalidade mecanicista de um discurso moderno e a informalidade improvisada do gesto do homem comum. Explora-se partindo das apropriações 'informais' da Torre de Rádio e Televisão projetada por Lucio Costa, um possível caminho a alteridade, numa espécie de 'eticidade arquitetônica' pelo acolhimento que se efetua pela obra, defendida pelo filósofo Jacques Derrida.

Portanto, como objetos significantes das cidades, as obras públicas construídas no movimento moderno ainda respondem as necessidades atuais da sociedade? Qual o fim que se destina o artefato arquitetônico moderno? Uma História contada ou uma realidade vivida? O ensaio retoma uma importante discussão ao colocar as arquiteturas públicas construídas no movimento moderno entre dois polos: o do discurso funcional de uma modernidade sonhada e o da realidade presente do sujeito que vivencia a obra, onde necessidade e utopia, passado e presente, sujeito e máquina, corpo e pensamento, realidade e intenção, movem-se em direção ao homem, ao futuro, num gesto de alteridade e, assim, possibilitam novos cenários, (re)inventando a obra e desconstruindo o nome e o próprio objeto pela função que se desfaz. Transformando as arquiteturas infraestruturais em dispositivos éticos urbanos, objetos acionados pela ação do homem como vontade de arte, onde imaginação, necessidade e o poder de invenção tornam-se o combustível da existência da obra. E, por fim, como discurso de alteridade, as arquiteturas públicas desconstrói-se em objetos-cenários sempre à espera do outro, em novas nomeações por quem as toma como suas, sempre à espera do sujeito, para transforma-las naquilo que adotamos como nosso.

## 2 (RE)DEFININDO ARQUITETURAS PÚBLICAS

Para Corullon (2013) obras de infraestruturas como sinônimo de arquiteturas públicas voltam-se a uma finalidade técnica específica, promover ou permitir fluxos de diferentes naturezas, como por exemplo, viadutos, passarelas, estações rodoviárias, estações intermodais, redes de metro, pontes, túneis viários, etc. Obras de infraestrutura, assim, são instrumentos vitalizantes dos fragmentos territoriais, marginalizados, isolados, socialmente 'rebaixados'. Linhas de captura na formação social, captura no sentido do outro, da experiência, do fluxo, da troca, da possibilidade de encontros e afetos. Espaço de abertura, significação e acontecimentos, as arquiteturas infraestruturais tem a potência de transformar-se em pontes de agenciamentos, encontros, polos conectores, mais que físico, humano. São agentes transformadores dos espaços urbanos por sua característica de agrupar, reunir e ao mesmo tempo abrigar, proteger, conduzir, ligar, transformando o território em lugares de hospitalidade (FUÃO, 2012a). São elementos urbanos singulares pois carregam em sua natureza a capacidade de conectar diferenças sociais, econômicas e culturais, elas representam a cidade, o múltiplo, diferença, unidade. Marcado por sua forma residual, um entre lugar, aos olhos da cidade, os espaços formados a partir dessas estruturas parece dominado por dois traços: abandono e inutilização. Mas contrariamente os vazios urbanos gerados por essas arquiteturas são espaços paradigmáticos e singulares, pois representam a essência do objeto em si, em estado primário, primitivo, pelo simples fato de não ser nada além de espaço, de servir, lugar de espera, de acontecimentos, lugar do por vir.

Para reforçar a importância de (re)apropriações dessas arquiteturas urbanas, cito Haesbaert (2014), onde expõe que as formas de ocupações devem variar ao longo do tempo, como construção histórica a manutenção essencial das manifestações culturais da cidade. Portanto, os espaços formados pelas arquiteturas públicas como territórios indefinidos, não planejados, abrem-se aos conceitos defendidos por Haesbaert (2014) e Lefebvre (2006), através da ideia de territorialidade de sentido múltiplo – uma (multi)territorialidade construída por grupos ou indivíduos através da arquitetura, definindo-se por conexões flexíveis de territórios, multifuncionais e (multi)identitários.



### 3. ARQUITETURA PÚBLICAS - ESPAÇOS DE ACOLHIMENTO E ALTERIDADE

Por meio das obras de infraestrutura os espaços gerados poderiam ser lugares do habitante, aquele que habita não as coisas em si, mas as relações, o outro. O homem seria o grande, o maior abrigo, pois contem a todos, ele é a espera, a esperança que constrói partindo do outro através de uma ética da alteridade (FUÃO, 2012a). Heidegger (1972) relaciona a construção do mundo do sujeito com o espaço que ele habita a partir da relação compartilhada com o outro, o sujeito se determina pelo lugar que ocupa. Schütz e Luckmann (apud Netto, 2012) trazem a ideia da minha experiência do outro no mundo que me envolve, o aprendizado de que o mundo que ‘experenciemos’ é socializado levando os sujeitos a uma reciprocidade das perspectivas. Na construção dos espaços das estruturas físicas urbanas a alteridade será a grande manifestação, o elemento de fundamental importância na construção dos lugares. O senso de pertencimento (e ética) se fará pela aceitação do estranho num mundo social diferenciado. Na procura de uma identidade a partir do outro na terminologia Heideggeriana equivale à experiência imediata compartilhada com a atenção ao outro. Desta maneira, as situações de encontros nos espaços infraestruturais urbanos reforçam a interação e a troca entre os atores, reforçando a experiência comum (NETTO, 2012). Para Fuão (2012) o papel do espaço é conectar, aproximar, integrar sistemas sociais, econômicos e culturais. É o lugar da troca, da dinâmica cotidiana, da construção de situações urbanas onde possam se materializar.

Impulsionado pelo legado do filósofo Emmanuel Lévinas, Jacques Derrida explora o sentido de acolhimento como sinônimo de hospitalidade para pensar a ética. Ética não como um problema de direito, político, mas relacionada a uma vida ética, uma ‘eticidade verdadeira’ (DERRIDA, 2009). Para Fuão (2012b), acolhimento é dar passagem ao outro, partindo da ideia do gesto, o que importa não é a coisa construída, mas o gesto do deixar passar, entrar, deslocando a arquitetura para o plano ético, humano. Desta forma, os projetos de arquitetura serão mais abertos, questões formais e programáticas serão flexíveis, até inéditos com finalidades voltadas ao outro, ao social. Acolher, é acolher a diferença, a todos, dando lugar ao lugar, abrir o lugar, dar passo ao outro. Portanto, nas cidades, os lugares de acolhimento são muitos, lugar de acolhimento é lugar de encontros, o espaço público, lugar aberto a todos. Lugar de acolhimento é produzido pela espera, pois não existe espaço enquanto o inesperado não chega, um lugar sem lugar enquanto o outro não ocupa o seu interior. Assim, hospitalidade como sinônimo de acolhimento coloca o tema do espaço não no espaço, nem na arquitetura, mas no indivíduo, numa ideia de alteridade (FUÃO, 2012b). A ideia de hospitalidade está ligada à hospedagem, ao hospede, à morada. O espaço não é físico, mas é vivido, sentido. Por outro lado, é quase impossível pensar a hospitalidade sem um lugar específico, pois o acolhimento vem do outro e chega para o outro, de fora para dentro, num movimento ético (FUÃO, 2012).

Ética acontece na vinculação do espaço comum partilhado através da experiência, do pensar do sentir a partir do outro, de uma alteridade construída pelo imaginável: hospitalidade, amor, responsabilidade, acolhimento. Ética entendida como ato sensível, de afeto onde a singularidade do outro é conhecida pela espera, é o acolhimento incondicional. Arquitetura como gesto ético e de alteridade é o lugar de abertura, o receptáculo onde o diferente, o outro, pede para entrar. Seu dever agora é preencher este lugar vazio através do seu chamado, esse preencher já é uma ficção, uma invenção, um desejo. Portanto, a casa, o construído, já possui, na sua existência, na sua natureza, a vontade de ser hospitaleira a tudo que estiver no interior. O que acolhe, é sobretudo, acolhido em si (DERRIDA, 2004). Repensar as arquiteturas públicas através da hospitalidade é retomar a ideia da alteridade, da casa natal, do abrigo, do homem.

### 4. ARQUITETURAS PÚBLICAS - DESCONSTRUÇÃO E ÉTICA

Não pretendo colocar nesse ensaio, métodos ou respostas projetuais ou de planejamento a partir do pensamento Derridiano, mas constituir uma resistência e uma abertura para (re)ver, através da imaginação, o pensar arquitetônico. Como coloca Derrida (1999), pensamento acionado pelo imaginário é o lugar do impossível, onde posso fundir com máxima liberdade a desconstrução. O



pensamento da desconstrução nunca pretendeu formular propostas, respostas, como Derrida diz: “nunca ofereci nada em termos de isso é o que se deve saber ou isso é o que se deve fazer” (DERRIDA, 1999). O conceito de desconstrução possibilita o deslocamento do sentido da própria construção como significante, seus motivos estruturais, seus esquemas, suas intuições serão resignificadas em novas reinterpretações. A desconstrução de forma metafórica, pode ser aplicada nos elementos estruturadores das arquiteturas públicas gerando outros sentidos (FUÃO & SOLIS, 2014). O sentido é alterado no romper com a ideia de origem, desdobrando conceitos de linguagem, levando estes conceitos ao seu limite através da escritura como ponto de abertura (RODRIGUES, 2010).

Para Derrida (1995) desconstrução é desfazer oposições, onde os polos opostos perdem seus contornos e forças, um pensar que desloca tirando as certezas dos extremos nos quais tudo se organiza, hierarquiza e conceitua. Desconstrução é um trabalho que na arquitetura possibilita o deslocamento do sentido da própria construção como significante (FUÃO & SOLIS, 2014). No mundo das interpretações defendido por Derrida busco nas contradições, a experiência da obra, uma ação corporal no tempo e no espaço ativando o pensar. Portanto, questões materiais, físicas, cristalizadas, estratificadas, hierarquizadas, mudam de significado, suas imagens transformam-se em espaços de acolhimento para aquele que chega, sua forma agora está no agenciamento dos encontros e no imaginário daquele que experimenta.

Essa amizade, essa combinação dos contrários, entre a formalidade da torre de TV de Lúcio Costa e a informalidade do ambulante anônimo da feira, faz deslocar meu pensar à uma incapacidade de nomeação e definição da obra. Como diz Derrida (1995), a conjunção dos termos não significa identificá-lo nem defini-lo, mas sim impossibilitar sua simples nomeação, a ‘coisa’ deve ser resultado de um pensar constante, sempre adiante, pensar no próximo passo, no próximo acontecimento, na ação que há por vir a partir de um amor infinito. A Torre de Rádio e Televisão de Brasília como recorte desse ensaio passa a ser um devaneio, uma vontade, um desejo de invenção. É elemento singular, flexível, inesgotável, inconstante, de duração atemporal, serve como instante infinito que o corpo percorre e carrega consigo (SIMANKE, et al, 2010). Como ideia de desvio, desdobramentos e interpretações é exposto um pensar e uma reflexão sobre as múltiplas identidades da Torre de TV de Lúcio Costa a partir de narrativas das inúmeras possíveis.

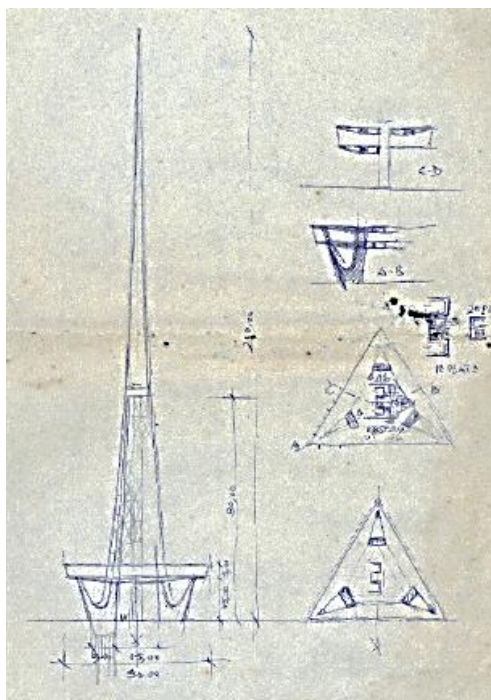
## 5. ANTENA DE RÁDIO E TELEVISÃO BRASÍLIA

Desconstruída por um discurso especulativo e abstrato, a Torre de Rádio e Televisão de Brasília (re)estrutura-se nesse ensaio como elemento ‘sócio-físico’ através de narrativas num processo intuitivo acionado pelo imaginário, dispensando verificações práticas e lógicas. Como coloca Holanda (2013) o imaginário também é uma forma de conhecimento presente, como exemplo, podemos ver na literatura uma forma do saber, não acionado por investigações, mas pelo imaginário. Portanto, ponte de partida do saber sistemático, a abstração pode revelar novos funcionamentos das estruturas físicas. Como exemplo da Torre de TV, as arquiteturas públicas colocam-se nesse ensaio como prática material, mas também estruturas significantes, instrumentos e dispositivos da expressão da vontade do homem pelos agenciamentos que ela possibilita, tornando-se elemento corpóreo, sensível e afetivo. O ensaio é resultado de uma operação narrativa e ficcional do espaço material a partir de imagens, onde as características utilitárias rompem-se em multiplicidades de ações, numa abertura de significados e cenários que as tipologias possibilitam pela ação do homem comum. Como exercício discursivo e imagético, o ensaio volta-se a Torre de Rádio e Televisão de Brasília projetado por Lúcio Costa e construído em 1960 (figura 1). Acionada pela contradição da obra arquitetônica, entre o formal e o informal, o planejado e o causal, natural e artificial, humano e desumano, realidade e utopia, o ensaio desdobra-se em dois momentos não necessariamente distintos como coloca Derrida (2001). A inversão pela metáfora seria o primeiro movimento ‘desestruturante’, procurando desacreditar o objeto como ordem, imagem e significado,



desconstruindo-a. Inverter a ordem hierárquica é anular as forças daquilo que está concebido, mostrando em profundidade esse romper com a estrutura existente, expondo aquilo que estava escondido, submerso, em interesses que mantinham o objeto. Portanto, num segundo movimento de forma inseparável, ocorre um deslocar da coisa em análise, numa oposição conceitual, à luz de novos conceitos sem um compromisso estruturante e de fixação (DERRIDA, 2001).

Figura 1 - Torre de Rádio e Televisão, croqui de Lúcio Costa  
Monumentalidade, plasticidade e constituição técnica.



Fonte: Corullon, 2013.

Partindo de duas narrativas – *Caixas azuis* e *Ruídos do discurso*, impulsionado pelas formas de ocupações, a antena com seus esquemas, seus motivos físicos-estruturais, são (re)significados em reinterpretações, desconstruindo a própria construção em novos eventos e situações pela palavra que desfaz. Portanto, a partir de um discurso, o ensaio procura desfazer o sentido da palavra, onde questões utilitárias e tipológicas transformam-se em receptáculo e corpo social urbano, passando de objeto técnico-formal à objeto-devir. Mais que ferramenta eficiente e funcional, a Torre de TV de Brasília (figura 2) surge neste ensaio, como exemplo dessa possível abertura de significados e apropriações às novas necessidades da sociedade, transformando o objeto em outra ‘coisa’ além de sua definição e nomeação – a ponte em ‘objeto de encontros’, a torre em ‘lugar de agenciamentos’, as estações em ‘dispositivos de acontecimentos’



Figura 2 – As novas ocupações compõem e reforçam a arquitetura como gesto ético, espaço de alteridade



Fonte: thecoolist.com\_brazilian\_architecture1

### 5.1 Caixas azuis

Com área de dois mil metros quadrados e altura total de duzentos e dezessete metros, a antena de rádio e televisão é definida por uma base de concreto aparente de três pavimentos com vinte e cinco metros de altura sustentados por três pilares de seção trapezoidal; localiza-se no eixo monumental, em terreno de forma hexagonal. A descrição do objeto de caráter técnico expressa o desejo de materialidade, monumentalidade e de extrema plasticidade do objeto, mas também os múltiplos significados possíveis de quem a usa, numa (re)interpretação contínua do 'corpo' da obra, de forma a transformá-la numa espécie de 'arquitetura a servir'. Atraída pela grande demanda de turistas que procuram a torre como mirante, a feira de produtos artesanais, chamada de 'feirinha da torre' instalou-se informalmente na década de setenta sendo retirada em dois mil e dez. O aumento de pessoas pelo comércio por meio das ocupações informais contribuiu na revisão (do corpo) da obra a partir dos novos agenciamentos entre obra e usuários, fortalecendo o uso da torre como elemento simbólico e efetivamente social. As ocupações não planejadas tornam a torre e as atividades informais complementares nas suas diferenças físicas e de significado, onde a feira de valor imaterial e de base social-afetiva potencializa o objeto técnico e monumental, torre, transcendendo questões físicas da obra, numa nova paisagem impulsionada pelo homem comum, numa espécie de paisagem humana (Holanda, 2013). De forma não planejada e espontânea a feirinha abrigada sob as estruturas da torre caracterizava-se por um conjunto de pequenos barracos cobertos por lonas azuis, uniformemente azuis. De cima, num primeiro olhar a feira de trama informalmente regular organizava-se ao redor da estrutura metálica da torre (corpo), reforçando a geometria triangular de concreto (base), compondo, assim, uma paisagem híbrida, contaminada de pluralidades, onde a arquitetura manifesta-se como elemento socialmente significativa, acolhendo a tudo, a todas as contradições e diferenças nela somada - do aço a lona, do concreto a madeira, do mirante ao mirado, do frágil a solidez, da realidade a utopia, do cinza ao azul. Como metáfora, as pequenas caixas azuis que rodeiam a torre, poderiam remeter a um território da água, onde pequenas embarcações ancoram as margens da 'torre-farol' que orienta a posição e defini o navegar de suas embarcações 'azuis', acolhendo-os, pois indiferentemente, todos são azuis, azuis sob a vista guardiã



e a sombra projetada da torre, onde a verticalidade se desfaz em abrigo pela horizontalidade da sombra que demarca o território, agora azul (figura 3).

Figura 3 – Imagem da Antena de TV de Brasília e dos barracos da ‘feirinha’ dispostos sob a sombra e proteção do território da Torre.

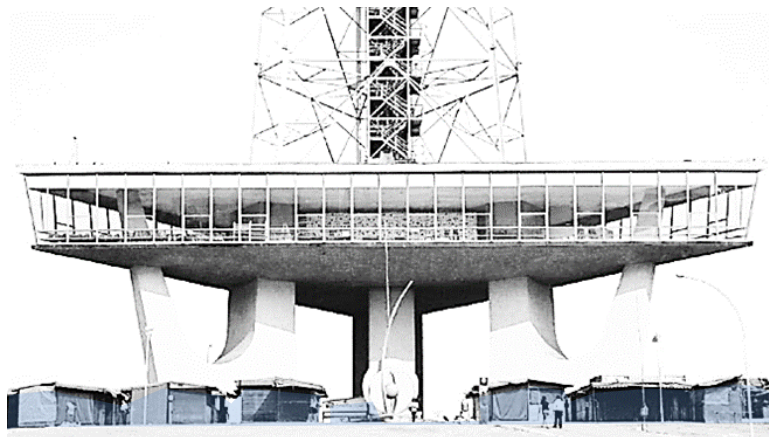


Fonte: google.com\_maps

A formalidade técnica e expressiva da Torre de Lúcio Costa composta por um corpo de aço sobre uma base trapezoidal de concreto remete a uma tipologia verticalmente prismática e monumental, onde o movimento pontual e ascendente da torre se desfaz no improviso horizontal das pequenas caixas azuis. Diferente da ação planejada do projeto da Torre definindo e demarcando o território da capital, os barracos são revelados através do pensamento do instante que se constrói pela necessidade do homem comum. A torre localiza-se entre os dois eixos principais de Brasília, no alinhamento do eixo monumental e entre o eixo asa via norte e sul ordem oeste, em terreno de forma hexagonal. Sua forma triângulo equilátero de lado igual a cinquenta metros representa a projeção da estrutura do prédio. Definido por uma base de concreto aparente de três pavimentos com vinte e cinco metros de altura sustentados por três pilares de seção trapezoidal, o esforço plástico e monumental dos materiais (concreto e aço) representam a indústria e o domínio da tecnologia a serviço do homem, numa independência absoluta da obra. Num movimento contrário, as leves estruturas dos fragmentos azuis (barracos), constituem a fragilidade artesanal e a necessidade do contato permanente do homem para sua existência. Reforçando e recuperando nas singelas construções a partir da sua escala e materialidade a natureza humana, paradoxalmente apenas possível pela monumentalidade do abrigo da torre (figura 4).



Figura 4 – Imagem do restaurante elevado de concreto e dos improvisados abrigos da feira, pluralidades contraditórias e complementares no espaço da torre.



Fonte: Eduardo B. Azambuja, 2012

## 5.2 Ruídos do discurso

A seguir como exercício narrativo das descrições físicas do objeto aponto os ruídos especulativos daquilo que apenas na causalidade da ação humana transparece, um entre texto acionado pelo imprevisto vivenciado, desconstruindo o discurso inicial do projeto em escrituras ~~rasuradas~~, onde fraturas são expostas na obra pelo gesto do homem comum, portanto, partindo do pavimento térreo os pilares da torre de TV de seção tubular variável de quarenta centímetros de diâmetro, encontram-se afastados dez metros do centro do triângulo ~~à espera dos frágeis barracos~~, de forma a abrir-se em forma V, dividindo suas seções de pilares ~~com as tendas dos ambulantes numa divisão não regular de traçado distribuídos~~ junto ao conjunto de elevadores. A estrutura do prédio em concreto aparente com total de vinte e cinco metros de altura abriga ~~além de barracos do comércio informal de dois metros e cinquenta de altura cobertos por lonas azuis~~ um subsolo com pé-direito duplo de cinco metros de altura destinado as instalações técnicas, serviço de apoio e administração. Junto ao subsolo, conectado por uma galeria subterrânea, encontra-se o anexo, formada por sete salas destinadas as instalações da central de televisão e estúdios de rádio, com dimensões de oitenta metros de comprimento por dezoito de largura, ~~acima do subsolo, no pavimento térreo encontra-se uma trama regular de pequenas tendas irregulares de madeira~~ dispostas ao longo da estrutura base de concreto.

O pavimento térreo centralizado a partir das interseções dos eixos do triângulo, ~~está circunscrito por barracos de madeira de dimensões aproximadas de três por dois metros~~. A estrutura de concreto com altura de onze metros e dimensões de cinco metros de largura por doze metros de comprimento contém dois elevadores destinados ao acesso público e serviço, e uma escada de emergência. O primeiro pavimento destina-se a museu de exposição, restaurante e cozinha industrial, com pé-direito de quatro metros e cinquenta, ~~tendo como ponto de visada a feira dos comerciantes~~. ~~Diferente das frágeis paredes das instalações dos comerciantes~~, as lajes dos pavimentos são nervuradas com quarenta centímetros de espessura, a cobertura da estrutura é em concreto aparente com sistema de impermeabilização.

Sobre esta cobertura apoia-se a torre metálica, construída em aço, totalizando cento e noventa e um metro de altura, sendo dividida em três partes ~~a qual demarca um território ocupado pela feira informal~~. A primeira apoiada na laje de cobertura com seção hexagonal, tem comprimento de cento e vinte e dois metros. A segunda com seção quadrada de largura variável tem comprimento de quarenta e cinco metros. E a última parte até o topo com seção quadrada, tem um metro de largura e vinte quatro metros de altura com espessura de vinte centímetros. A setenta e cinco metros partindo da altura do solo encontra-se um mirante metálico, ~~toda essa estrutura rodeada por~~





~~barracos de madeira, legitimam a própria estrutura como monumento e elemento significativo do corpo social de Brasília~~ por meio das atividades voltadas a feira artesanal e local de encontros (figura 5).

Figura 5 – Estrutura Torre composta por ocupações informais, legitimam a própria estrutura como monumento e elemento significativo do corpo social de Brasília.



Fonte: thecoolist.com\_brazilian\_architecture2

#### 4. CONCLUSÕES

Pontes, viadutos, estações modais, torres de abastecimentos e telecomunicações, além de elementos estruturais das cidades são arquiteturas representativas do corpo social urbano, tem a potência de reunir, concentrar, expressam a realidade e a diversidade urbana. Através das arquiteturas públicas a cidade pode expor-se, revelar-se, ampliando o discurso técnico e mecanizado em elementos democráticos, arquitetura como efetiva matéria social. Objeto de pertencimento e de não permanência, as arquiteturas públicas nesse ensaio transformaram-se em matéria 'sócioafetivas' pois retomam do homem comum as múltiplas praticas necessária à sua sobrevivência. Essa postura da ação coletiva e individual que as arquiteturas públicas modernas podem promover nas cidades, além de garantir a manutenção da identidade de um discurso, podem servir como ponte de ligação entre arquitetura e sociedade por meio das novas práticas dos espaços infraestruturais. Portanto, como discurso de alteridade, arquiteturas públicas construídas sob um discurso moderno, como pontes, passarelas, tuneis, estações metroviárias devem através do discurso da técnica servir como um canal, uma ferramenta de cidadania, um receptáculo das necessidades urbanas, expondo a realidades da cidade nas múltiplas experiências que a obra possibilita. Uma arquitetura moderna, mas nitidamente popular pelo gesto dos encontros, e assim, arquitetura torna-se na sua natureza precíval, transitória, dispensável, da não permanência, sem carga de significados e simbolismos. Ela



existe para servir, sem cargas sensíveis e valores fixados. Como exemplo, a Torre de Rádio e televisão de Brasília, abre-se a novos fins e significados através das novas realidades pela experiência de quem a usa, 'trans-formando' naquilo que o identifique naquele instante, reconstruindo as obras públicas em efetivas arquiteturas democráticas, arquiteturas do povo, ética na forma, onde o sujeito poderia deixar sua marca. Propondo uma reflexão sobre o destino das obras públicas modernas pela ação do homem, o ensaio procurou por uma experiência arqueológica da obra arquitetônica deslocando a formalidade técnica da Torre em discurso metafórico numa experiência 'sócio-física' revelada nas ações informais do homem comum. Portanto, arquiteturas públicas devem ser pensadas como campo de força das cidades, onde a geometria que caracteriza o tipo transforma-se em inúmeros cenários acionadas pela poética do corpo que o ocupa.

## REFERÊNCIAS

AZAMBUJA, Eduardo Bicudo de Castro. **A torre de Lucio Costa em Brasília**. xvii, 189 f., il. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)—Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

CORULLON, Martin. **A plataforma rodoviária de Brasília: infraestrutura, arquitetura e urbanidade**. 2013. Dissertação (Mestrado em Projeto, Espaço e Cultura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16136/tde-14082013-142012/>>. Acesso em: janeiro 2016.

DERRIDA, Jacques. **Khora: ensaio sobre o nome**. Tradução de Nícia Adan Bonatti. Campinas: Papyrus, 1995.

DERRIDA, Jacques. **Sur Parole, Instantanés philosophiques**. Paris: Éditions de l'Aube, 1999, p.53.

DERRIDA, Jacques. **Posições**. Traduzido por Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p.25-26.

DERRIDA, Jacques. **A palavra acolhimento**. Tradução de Fabio Landa. In: Adeus a Emmanuel Levinas. São Paulo: Perspectiva, 2004.

DERRIDA, Jacques. **Violência e metafísica: ensaio sobre o pensamento de Emmanuel Lévinas**. Tradução de Maria Beatriz Marques Nizza da Silva, Pedro Leite Lopes e Pérola de Carvalho. In: A estrutura e a diferença. São Paulo: Perspectiva. 2009.

FUÃO, F. Freitas. **Jacques Derrida & arquitetura**. Rio de Janeiro, 1.ed. 2012. 39 a 105p

FUÃO, F. Freitas. **A hospitalidade na arquitetura**. Porto Alegre. Fonte: <http://fernandofuao.blogspot.com.br>, 2012a. Acessado em: outubro 2015

FUÃO, F. Freitas. **As ocupações dos viadutos e as formas do acolhimento na arquitetura**. Fonte: <http://fernandofuao.blogspot.com.br>, 2012b. Acessado em: outubro 2015.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização; do "fim dos territórios" à multiterritorialidade**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. v. 1. 2014. 400p.

HEIDEGGER, Martin. **Identity and Difference**. New York: Harper & Row. 1972.

HOLANDA, F. **10 mandamentos da arquitetura**. 1ª edição, Brasília, FRBH, 2013.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de espace. 4 e éd. Paris: Éditions Anthropos. 2006.

NETTO, V. M. **A urbanidade como devir do urbano**. In: Douglas Aguiar; Vinicius M. Netto. (Org.). Urbanidades. 1 ed. Rio de Janeiro, v. 1, 2012. p. 33-60.



RODRIGUES, C. **Rastros do feminino: sobre ética e política em Jacques Derrida**. Rio de Janeiro. 2010. 210p.  
Tese de Doutorado - Departamento de Teologia Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

SCHÜTZ, A.; LUCKMANN, P. **The structures of the Life-world**. vol. 1. Evanston: Northwestern University Press. 1973.

SIMANKE, R. T. et al. (Eds.) **Filosofia da psicanálise : autores, diálogos, problemas**. São Carlos: EDUFSCar. 2010.

SOLIS, Dirce; FUÃO, F. Freitas. **Encontros da filosofia com a arquitetura, mediados pelo pensamento Jacques Derrida**. Resenhas Online, São Paulo, ano 14, n. 163.03, Vitruvius, Fonte:  
<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/>. Acessado em: outubro 2015.